

***POIESIS* ESQUECIDA: epifania nas travessias da memória do poeta popular José Costa Leite**

FORGOTTEN POIESIS: insights in memory crossings of folk poet José Costa Leite

Beliza Áurea de Arruda Mello (UFPB)

Abstract: This article presents the current development of the research on the popular poet's poiesis regarding José Costa Leite's speech and memory. Thus it focuses on a new rhetoric art explained and characterized by the popular poet in his/ her own production (folhetos de cordel).

Key-words: popular poetic, memory, speech, poetry

Resumo: O texto apresenta a poiesis do poeta popular José Costa Leite a partir da sua memória . Enfoca o conceito de poesia para o poeta e a arte retórica nos folhetos de bancada.

Palavras- chave: poética popular, memória, voz, poesia .

Um poeta popular já nasce poeta
José Costa Leite

Muito se tem falado sobre poética. Pouco se tem falado da poética popular e muito menos a partir da voz de quem a faz. Este viés é fundamental para melhor entender -se um projeto poético do poeta popular. Analisar sua fala é também adentrar- se no seu imaginário e ver-se aflorar a “mutação poética” integrada à sua vida, às suas relações de trabalho e de parentesco, à relação com a sua cidade, com os lugares por onde andou. É um trabalho de garimpagem da memória: juntar os pedacinhos e transformá-los em caleidoscópios que vão montando , como um quebra-cabeça , uma poética alimentada pelos detalhes e miudezas de uma vida difícil , passada a limpo entre a “memória e o esquecimento”

Assim, a voz ,ao reconstruir as pegadas do poeta pela vida, vai-se tornando cúmplice da etnologia e vai desencadeando as lembranças do descobrir-se poeta. O poeta popular não faz poesia como atividade “cult” . Na poesia, se encontra a reflexão e a vicissitude da exigüidade da sobrevivência pela vida diária. A poesia traduz as tensões psicológicas e sociais, as oposições completivas e, como memória do que se passou, segue a continuidade das redes mnemônicas. Isto provoca a reflexão sobre a importância da circularidade da voz – que também faz a epifania

da vida. A voz, poesia, desdobra-se e define o lugar da imaginação, por isso tem um sentido mágico por excelência, porque é dela que nasce a simbolização de mundos reais e imaginários evidenciando-se, assim, a convergência dos mundos. Tão evidente é o seu desejo de falar que “aquilo no que a palavra articula, é um duplo desejo: o de dizer”. (ZUMTHOR, 1997, p.32). O poeta popular comunica pelo fio da palavra e constrói progressivamente uma poética organizada como um ABC. Um ABC, como diria Patativa do Assaré:

sem beabá, um livro cheio de verdade, da beleza e de primô, tudo incardenado, iscrito pelo poder do criad. Uma poética ditada pelo prazer e sofrimento e feita sem os códigos universitários.

Instaura-se a poética popular na materialização, nos destroços do dia-a-dia, no endurecimento do medo pela sobrevivência por demais difícil em linguagem oral menos influenciada pela escritura e pelos cânones acadêmicos, como tão bem, sistematiza o poeta cearense, Patativa do Assaré:

Poetas universitaro
 Poetas de cademia
 De rico vocabularo
 Cheio de mitologia,
 Se a gente canta o que pensa
 Eu quero pedir licença
 Pois mesmo sem português
 Neste livrinho apresento
 O prazê e o sofrimento
 De um poeta camponês

(Aos Poetas Clássicos, p.17)

A poética dos poetas de bancada é, assim, munida por um tempo épico: “medido apenas pelos movimentos coletivos das sensibilidades e dos corpos, na (...) performance” (Zumthor, 1993: 143).

É uma poética tecida pelo fascínio e pelo sofrimento do vivido no cotidiano de um poeta que assume com intensidade sua história, sua identidade sem escamoteá-la. É poética de homens conscientes das suas limitações e, por isso, se transforma em um espelho mágico das vozes do

cotidiano, das vozes da memória, organizadas com a intensidade dos limites da exigüidade da vida.

Torna-se a palavra visível, neste sentido, basta ouvir-se o poeta. É fundamental sua VIVA voz. A palavra torna-se visível, transparente, anunciando a epifania de um sujeito histórico. *Ela vai além de uma linguagem "fática": "estabelece uma autoridade."* (ZUMTHOR, 1997, p.33).

É neste contexto que se pesquisa o poeta José Costa Leite, paraibano, nascido em 1927, na cidade de Sapé, localizada na região do Brejo paraibano, 45Km da cidade de João Pessoa. Mudou-se aos oito anos de idade, movido pela fome, para Condado, cidade da zona da Mata de Pernambuco, distante 80km de Recife, como referenda o poeta:

Eu saí de Sapé, numa época que nem me lembro escanchado... Naquele tempo a mudança de pobre era três burros cama, um tamborete. Cresci em Condado(...)

Costa Leite a razão da escolha do entrevistado obedeceu a critérios básicos e contundentes:

- a) é um poeta de bancada tradicional;
- b) tem a memória do passado mais remoto pela sua faixa etária avançada;
- c) faz almanaques populares;
- d) é também xilógrafo, como rememora ele mesmo
- e) e sempre foi de "fazer a feira" - sempre vendeu seus folheto cantando em feiras públicas, agora, apresentando-os ao público na feira como rememora ele mesmo:

Eu fazia a feira de Paulista, feira de Goiana, de Iquatissuna, da Usina, de São José. Eu cantava pela feira. (...) Eu comecei a vender folheto em 1947...

A partir desses objetivos, podem-se identificar três direções, segundo André Jolles (1976): a **estética**, a **histórica** e a **morfológica**, a forma como é dita.

A **estética** faz apreender como Costa Leite se vê esteticamente; a **histórica** faz apreender as condições históricas da diáspora — como a passagem do tempo se sobrepõe à história; a direção **morfológica** mostra como ele conta sua vida.

É neste momento que a série de entrevista nos ensina mais do que uma versão do passado: a partir da poesia, ele procura construir o significado da sua trajetória — acontece a epifania da memória ativa e latente.

As entrevistas propositalmente foram feitas na feira de Itabaiana e na sua casa, em Condado.

A partir da sua autobiografia rememorada aos poucos, vai-se delineando uma poética. A voz vai tecendo o fazer de vida e o fazer da poesia: *a voz se diz enquanto diz*, para usar a expressão de Paul Zumthor (1997:13)

É a voz que vai libertando as lembranças para instaurar a palavra que anuncia a memória.

O que ele apresenta não se confunde com as narrativas de heróis imaginários dos folhetos que faz ou vende. É uma história de vida de alguém que se considera periférico e em quem, como nas personagens do Velho Testamento, predomina um mundo representado com cores ainda não desbotadas. A autenticidade da história de vida de Costa Leite filtra acumula e transmite a história e a memória do folheto de cordel das feiras, da vida sacrificada do agricultor:

Eu botava roçado, trabalhava no campo, eu comecei a trabalhar com oito anos de idade. Eu comecei a trabalhar logo cedo pela consequência de não ter o que comer, o dinheiro era tão pouco que minha mãe brigava comigo quando comprava um folheto. Melhor comprar um pão.

Suas reminiscências fundem-se nos elos da memória. São registros antigos de sua mente, verdadeiros palimpsestos que foram apagados, cobertos por sucessivas camadas de novas experiências, mas que deixam intactas imagens de suas primeiras lembranças

Eu me lembro de coisa quando eu tinha cinco anos e outras da semana passada.. Eu não me lembro de terça feira passada. Depois de velho em uma semana passada, eu não me lembro mais.

O passado não é mais lacuna, mas um retorno à poesia da sua própria história: *A gente nunca perde a saudade. Ainda me lembro da minha primeira namorada*

Deste modo, Costa Leite vai elaborando os costumes do passado onde se sobressaem antigos poetas populares, agora vivos pela voz. É a voz a responsável por eternizar a imagem de João Martins Athayde, (1880-Ingá-Pb, 1959-Recife-Pe), um dos primeiros poetas populares do Nordeste.

“Eu comprei muito folheto a João Martins Athayde na rua do Pescador, no Recife... Ele era um homem da minha estatura, sendo mais forte. e aborrecido, aborrecido. Uma vez eu perguntei por um folheto. Aí eu perguntei

— *Tem Nobreza de uma Ladra?*

— Tem

— *Sufrimento de Lindóia?*

— Tem.

— Você conhece meus livros, peça pelos nomes.

— Aí eu pedia outro

Ele dizia:

— “Ta esgotado”.

Pedia outro

— “Tá esgotado”.

Vendia nos armários cheio de gavetinhas (Faz o gesto de uma altura de 1.40m).

E traz à memória o tempo da feira como grande palco da *performance* do poeta popular:

Eu só não viajo ainda, é porque fiquei só.

Agente anda com serviço de som, tem que ter projeto de som, a máquina pra passar, o microfone...

Antigamente, fazia roda de duzentas, trezentas pessoas, ainda hoje ainda faz, especialmente no sertão. Muita coisa a Globo acabou.

Vendia o folheto no tripé, na maleta, depois passou prum som... Vendia sessenta, cinqüenta, qualidades, botava o molho e ia lendo. O camarada se coçava agente oferecia. A carta Misteriosa de Padre Cícero Romão vendi no mínimo 50 mil. A Velha do Tabaco, vendi um milheiro. Ele tem sentido duplo

Explica a razão de vender pouco hoje:

Com a queda da literatura de cordel baixou o poder aquisitivo do povo que compra.

Tem pessoas que ganha cinco reais por dia trabalhando na enxada.

Não dá nem pra tomar cachaça. Se for tomar não dá para embebedar

De primeiro o folheto era o jornal do matuto. Tem matuto mais inteligente do que o pracião ser matuto é o que mora no mato

No tempo de que o pessoal ia pra feira pensando. Naquele tempo vendia muito folheto. Hoje a pessoa liga a tv fica sabendo de tudo nem o jornal vende mais.

(...).

Hoje tem que andar com serviço de som...

O pessoal do Sertão gosta muito de poesia e também o povo é mais pobre e quem tem tv em casa, vai assistir novela, não quer folheto pra ler, mas aquele povo que às vezes não tem Tv. Compra um folheto. Vai comprar um folheto pra ler. Hoje em dia, muita coisa a Globo cabou com o folheto, a poesia popular. aliás, o folheto. às vezes compra a gente e vai passar em Brava Gente, ajuda o poeta nesse ponto. O povo assiste aquilo. "Tá tão satisfeito! Nem sabe que foi folheto.

A poesia caiu, por causa da televisão, a rede de televisão acabou 90% do poeta de banca, que dizer cordel (...).

Isso era bom quando andava com o serviço de som, lia e vendia, um gracejo, bravura e profecia.

O pessoal gostava dizia dá um, me dá um.

A venda ta muito pouco. Acontece que hoje em dia ta mais vagaroso. O povo é crente. Deixei de cantar. Hoje em dia caiu até de moda cantar em feira.

As suas lembranças revelam que a escolha da leitura da poesia na feira era relacionada ao sexo masculino. Era um mundo predominantemente androcêntrico — espaço cuja figura predominante era o homem :

Era mais homem do que mulher. Tinha cara que lia o folheto à noite todinha e, juntava gente pra ouvir e pagava a ele trabalhar. Ele leu folheto à noite todinha. Assim das 8 horas da noite até duas, três horas da madrugada. Lendo, cantando. E o pessoal pagava a ele, naquele tempo era 1000 réis, todo ele pagava, sendo como fosse.

Lembra-se de que José Camelo de Melo, poeta popular paraibano, perdeu temporariamente o registro de o *Pavão Misterioso* que por ser um folheto de bancada tinha difícil legitimização do direito de propriedade. Em virtude disso, ao

“fugir” da cidade de Guarabira (zona do Curimatáu paraibano), por causa de uma briga, sobrevivia cantando nas feiras ou nas fazendas, mas não publicava os folhetos, até que de repente o José Melquíades começou a publicar o folheto como se fosse dele.

E vai conceituando o que para ele é ser poeta. Poeta é ter originalidade, é não imitar ninguém, é obedecer a um ritual. É codificar uma linguagem que vai além da representação, é organizar as palavras trançando o sentido simbólico como um dom, mas é coletiva, revela um saber atávico, revelando um eu e um outro que fala em nós, como diz Costa Leite:

Eu não imitei ninguém. Olhe a pessoa não aprende poesia com ninguém poeta popular já nasceu poeta, mesmo ele sem saber, sem ter linguagem... O poeta popular já nasce poeta, t arrancando mato na roça, eu já fazia verso. Os primeiros folhetos eu li e dixei eu também sei fazer isso. Os primeiros folhetos eu fiz aqui em Itabaina. Publiquei na tipografia folha. Os dois primeiros folhetos saíram sem capa. Eduardo e Acir discussão de Manuel Vicente com José Costa Leite. Saiu sem capa, aí eu pensei que a tipografia botasse.

Costa Leite mostra que a poesia de cordel transcende o momento histórico. A poesia vai-se constituindo e construindo como imagem emblematizada.

Nunca tive brinquedo, num tive tempo pra brincar.
Eu gostava de ler folheto.
Não tive escola, num tive nada, peguei soletrar, eu
comprei um caderno, e eu escrevia em cima com a
letra.

A poesia viu-se tecendo com mistérios. Diferentemente é a xilogravura. Esta uma espécie de poema-imagem que acompanha os textos dos folhetos e podem ser feitas em qualquer período do ano.

A poesia para ele é , portanto , mistério; e também magia. Precisa do dom, da imaginação criadora que escapa à casualidade e capaz de captar a imagem, de mergulhar na emocionalidade do ser. É, portanto, um fazer fenomenológico; capaz de chegar às margens primeiras, capaz de estar presente e materializar-se no silêncio da imaginação criadora como devaneio e matéria sagrada. O silêncio assim é, para o poeta de bancada, José Costa Leite, criador ativo e realizante. Por isso, a poesia é mágica para ele, precisa de espaços diferenciados, de memória e de ritmos, de olhares e de gestos, precisa de espaços sagrados, dos mistérios dos astros, do silêncio e da solidão:

O melhor pra escrever poesia é o silêncio. Na surdina, agora na lua crescente porque a lua minguante é minguante até a saída. O bom é escrever na lua crescente e publicar na lua cheia. Se escrever na lua nova e publicar na lua minguante é ruim. O planeta Mercúrio é um planeta que instrui o poeta popular. O planeta Mercúrio é um planeta que gosta da escrita, publicação, de todo esse negócio. Pegando na época dele, ainda é melhor. Agora, o melhor de escrever é na surdina. Pode ser de dia ou de noite. Eu levo os temas de casa pronto, só é preencher. Os temas em imagem e boto o verso de dez linhas. Eu boto de um a dez e boto o tema, aí fica fácil para rimar com aqueles temas. Fica melhor segue o caminho. Tem tudo peleja, história de amor, tem história de gracejo.

Quando vou fazer um tema, não falo pra ninguém, porque quando um tema que acha que dá certo, tem gente que pega na frente. Ambição. Sabe como é. Gente que não tem criatividade.

Fala da importância dos títulos dos folhetos. Os títulos interpretam e vendem, por isso, o poeta tem que estar atento para a retórica do título:

Tem poeta que não sabe intitular os livros dele. Manuel Monteiro escreve muito bem. Mas os títulos não são bons. Inda os livros sendo mal feito com um título bom, faz vende sendo um livro bem feito com um título ruim não vende.

Costa Leite conceitua que o dizer poético desenrola-se e gira em torno do acabamento dos versos finais. É preciso que o poeta seja um artesão e que saiba usar a arte da retórica para fazer uma conclusão ativa, criadora e realizante:

Na poesia a beleza do verso tá no final. O que mais capricho nos meus folhetos é a métrica. Porque o livro sem métrica fica uma bagunça. Aprendi a métrica vendo os outros fazer.

Conclui dizendo que o poeta popular tem que falar na linguagem **popular** e tem que fazer livro *sugestionante*, ou seja, ter um enredo que emocione e possa coaptar o receptor. Por isso, diz que folheto *com muito sofrimento não é bom*, não vende: *é sentimental*. O bom é o *sugestionante*. Desta forma o poeta popular redimensiona o conceito da escolástica e aristotélica: o poeta é também um professor

No depoimento de José Costa Leite, pode-se identificar a sua voz como um *performance* e *exemplum* em que o poeta se reconhece como forma e técnica e que, realmente, pelo texto de José Costa Leite apreende-se conceitos fundamentais de uma *poiesis*: noções do épico, do lírico, do dramático, do trágico e do cômico.

REFERÊNCIAS

COSTA LEITE, José. Entrevista concedida a Beliza Áurea de Arruda Mello em novembro-dezembro de 2002.

JOLLES, André. Formes simples. Paris; Seuil, 1972.

PATATIVA do Assaré. Cante lá que eu canto cá. 11^a ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz. Tradução Amalio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. Introdução à poesia oral. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochart, Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.